

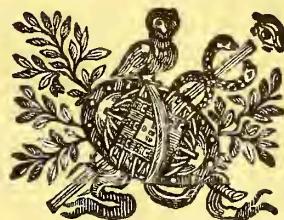
A PRIMAVERA.

C A N T A T A

P O R

FRANCISCO VILLELA BARBOSA.

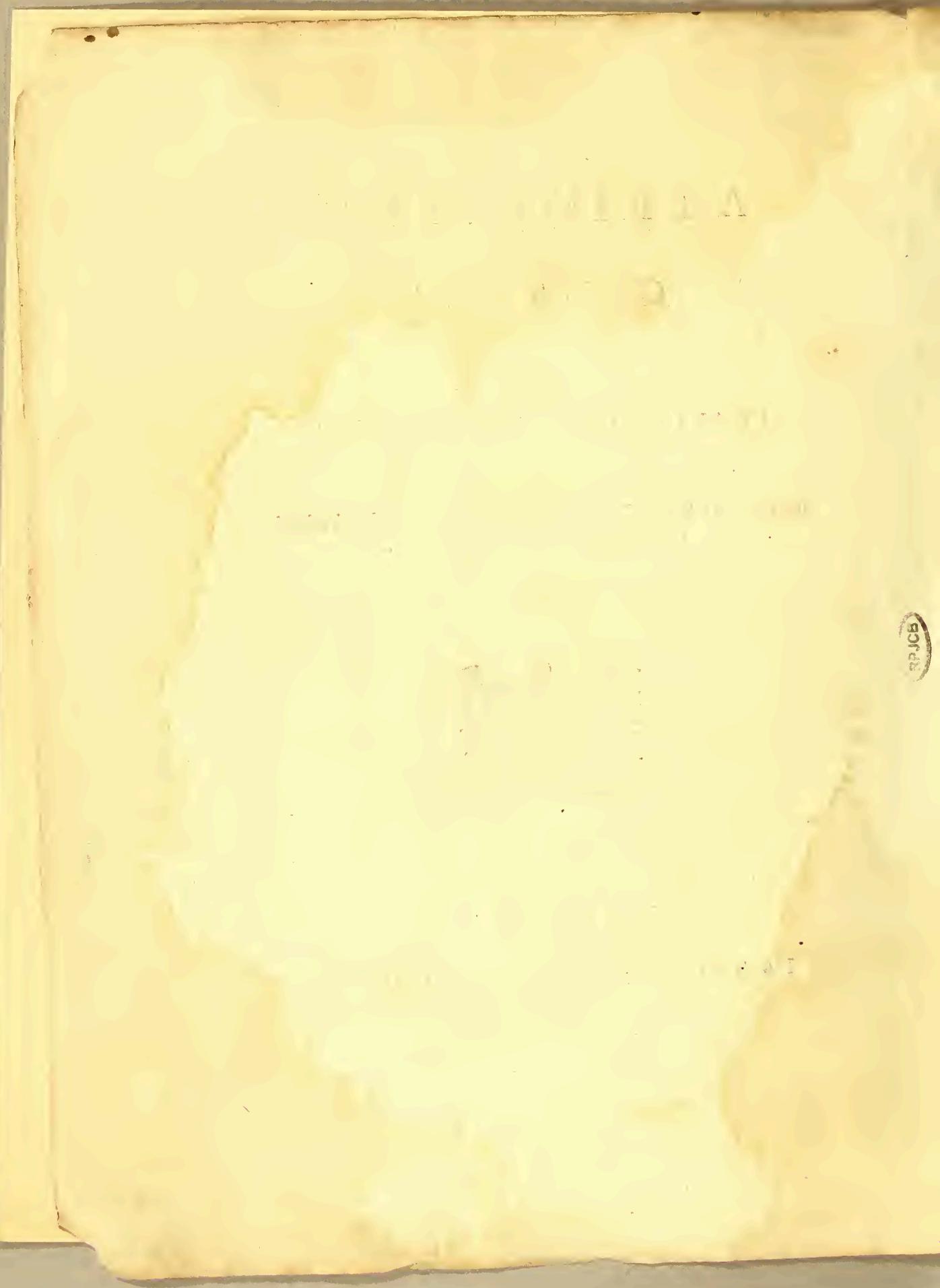
*Impressa no Tomo VI Parte I das Memorias da Academia
das Sciencias de Lisboa em 1819.*



L I S B O A

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1821.



A P R I M A V E R A.

C A N T A T A.

Πως ο Χρη και εν ειαρι καλον αεισαι;
Mēleagro Idyll. á Primav.

*Porque não cantard tambem o Vate
A risonha, a formosa Primavera?*

Trad. por J. B. A. S.

LA onde em tuas margens , patrio Rio ,
Que do primeiro mez tomaste o nome ,
Pasce o sidereo Capro o verde esmalte ,
E de teus crystaes bebe a onda pura ,
(Meta antiga do Sol , centro hoje de Outro ,
Cujo lucido Imperio abrange os pólos)
Com providente mão a Natureza
O asylo preparou da Primavera.
Alli não murcha a rosa : alli os troncos
De flores sempre novas se atavião .
Alli (em quanto as negras Tempestades
Sobre as azas de Boreas carrancudo
Arripião do Inverno a hirsuta grenha ,
Nos Ceos rola o trovão , cae o diluvio ,

E do Septentrião alaga as plagas)
Se acolhe a Deusa com as Graças todas:
Mas apenas viçosa a amendoeira
Dá signal de acordar ás nuas plantas,
No pressuroso carro Phebo a toma:
Dalli volta com elle alegre e rindo.

Quam doce he vêla então com mão curiosa
Toucar a densa coma do arvoredo,
E sobre o verde dos macios valles
Desdobrar a cheirosa bordadura,
Em que arte e mimo dispenderá Flora!
Quam doce he vêla do sanhudo Inverno
Triumphante correr em roseo carro
Os tapizados campos! Vão ante Ella
Os capripedes Satyros dançando:
Fazem-lhe corte as Graças prazenteiras:
Namorados de vêla os bosques cantão:
Os arbustos, os platanos florescem
Com seu halito doce perfumados:
E os virgineos botões, abrindo os labios,
Com pudibundo riso se franqueião
Ao pranto creador da madre Aurora.

Cantai, ó Pastoras,
A Deusa da selva,
Que veste de relva
As vossas campinas,
E os valles matiza
De soltas boninas.

E Tu, que a natureza estudas e amas,
Andrade, escuta o canto: ser-te-hão gratos
Os sons da patria Musa, e o nobre assumpto.
Com a lyra nas mãos, na bocca os hymnos,
E no peito a virtude, ella te acena,
E te convida para os floreos valles

(5)

A saudar as matutinas graças
Da formosa Estação, Aurora do anno;
Venturoso o mortal, que contemplala
Póde longe da Corte estrepitosa,
E se apraz de trocar os aureos tectos
Pelos verdes docéis da umbrosa selva !
Das symmetricas praças abhorrido,
Corre estas veigas placidas, sem ordem,
Habitadas da franca Singeleza.
Das flores pelo calyce orvalhado
Do tranquillo prazer o nectar gosta :
E se adornado de virentes folhas
No curvo ramo amadurece o Ouro ;
Encetado sem crime, então lhe deixa
A fragrancia nas mãos, o mel nos labios.

Mas que augusto espectaculo se ostenta !
Eis das moças Titães a Primogenia,
Que do primeiro Sol dourára o berço,
E o fulgido Oriente assignalára
Com acceso rubim sobre o horizonte !
De brincado lavor vistosas galas
Trajão os Ceos; e os campos a esmeralda ;
E as montanhas de perolas se toucão.
Taes do Eden os jardins se nos pintárao,
Que a innocencia enflorou, murchou a culpa :
De cujos restos sempre preciosos
Saudosa a Natureza, de anno a anno ,
Com pincel immortal reforma o quadro ;
Não de teus camarins, Mortal vaidoso ,
Para ornar as paredes ociosas :
No Sanctuario está da Natureza ,
E mui longe de vós, Homens vulgares ,
Para quem sobre os valles esmaltados
Não tem côr a tulipa, ou cheiro a rosa.

(6)

Salve pois, Estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Ja dos igneos horizontes
Desce á terra alma scentelha:
Sobre as fontes
Ja se espelha
O verdejante pomar.

Ja não muge o trovão rouco
Nas profundas cavidades:
Nem tam pouco
Tempestades
Sobre a costa ouço roncar.

Ja cõ os sóccos quebra a neve
O corado Lavrador:
Ja se atreve
Sem pavor
A seus campos visitar.

Sob o jugo os bois mettendo
Canta a amor; mas sem apego:
Descrevendo
Torto rego,
Que hade breve semear.

Rejeitando o tojo bravo,
Tenros prados tosa a ovelha:
Vai o favo
Loura abelha
Fabricando a susurrar.

(7)

Cobre povo de mil flores
Todo o valle, e monte agreste:
Traja as cores,
Que o celeste
Arco em chuvas lhe vem dar.

Salve pois, Estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Mas que fogo divino, que ar mais puro
Me inflamma o coração, me esperta o sangue?
Quam formosa Manhã coroa os montes!
Espargindo ouro e lirios se annuncia
O Rei dos Astros. Como alegre surge
Em pompa conduzindo a Primavera!
Soa nos bosques emplumada Orchestra:
Ardem aromas sobre o altar de Flora:
E adora ao Sol alvoroçada a Terra!
O' tu, fonte de luz, Alma do mundo,
Principio omniparente, e bemfazejo,
Tu, que fazes volver a roda ingente
Da carbunclea carroça luminosa,
Onde as quatro Estações gyrão perennes,
Sentado no teu Solio de diamantes,
Os meus hymnos protege, agora que alto
La do animal lanigero celeste
Ambos os pólos ves equidistantes,
E igualmente nos dás a luz e as trévas.
Foste de adoração o digno objecto
Das profanas Nações, que te incensáráo!
Recebendo de ti alento e vida,

(8)

Gratidão lhes dictou canticos sacros:
Levantárao-te altar teus benefícios.

Louvai pois, viventes,
O lucido Nume,
Que próvido lume
Reparte entre os entes:

E o frouxo embrião
Na madre profunda
Anima e fecunda
Da terrea extensão.

Ja no arctico pólo
Com jasmins e ouro
Do celeste Touro
Orna o fulvo collo:

Que submisso humilha,
Em amor acceso,
Ao formoso peso
Da Agenoria filha.

E a terra, a que dera
Nome a gentil Moça,
Com graças remoça,
E folga na sphera.

Depois ledo mora
Có os Lumes irmãos,
E os fructos louçãos
Nos ramos colora.

Para elles copeia
Da tenra Donzela
A cor da tez bella,
Que o pejo afogueia.

Mas eis a Tarde de primores rica !
 Em mimos cõ a Manhã rivalizando ,
 Da creadora Estação varia o ornato ,
 Com diversos painéis vestindo o Templo.
 Seguida dos Favonios innocentes
 Desce do Phebo carro , e a par cõ a Deusa
 Em floridos vergeis passeia e brinca.
 A Amizade a entretem , Amor a encanta.
 Aqui tece grinaldas ; Ia sem ordem
 Labyrinthos enreda , enleia sombras :
 Entre o myrto cheiroso o arroio escuta ,
 E em cochins de verdura afaga os Somnos.
 Engolfada em taes lidas não receia
 A paz da Natureza ver turbada
 Quando do Occaso subito negrume
 Surge ; e sobre o horizonte a Nevoa pousa:
 Do Inverno fugitivo Austro juctando
 Os dispersos destroços , a reforça :
 Cresce , as azas extende , avulta , e voa.
 He cerrado Esquadão de feias Nuvens :
 Cobre parte dos Ceos : feroz ameaça
 Disputar do hemispherio a posse á Deusa.
 Ai dos encantos seus ! Quem os defende ?
 Dá signal o Tróvão : começa a lucta.
 Quanto me agrada ver estes combates !
 Tudo he bello nos Ceos , té seus furores :
 Inda entre elles reluz da Deusa a imagem !
 Em seu auxilio Phebo acode prompto :
 Ardente setta rapido dardeja ,
 Que o seio rasga da assombrosa Treva.
 Dissipa-se a tormenta : as Nuvens fogem ,
 Dando em tributo aljofares á terra.
 Venceu a Deusa enfim , e a luz resurge.
 Como he mimosa então a Natureza
 * *

(10)

Có a bocca em riso, e as faces orvalhadas !
Tal a Donzela, que travesso amante
Em amorosos brincos magoára : (a)
Chora, e se ri, e alegre entre queixosa
Lhe embebe na alma divinaes delicias !
De pavoneas plumagens guarnecido
Iris levanta o arco do triumpho.
O Sol lhe doura a pompa: as flores se erguem
Adornadas de liquidos diamantes,
De enfeitar-lhe a coroa cubígosas:
E das aves, que attonitas nos bosques
Pela densa rámagem se escondêrão,
Harmonioso bando os ares crusa,
Celebrando a Victoria, a Paz, e a Deusa.

Os ledos pastores
De tantos
Encantos,
E ricos primores,

Das frautas nos sons
Com hymnos
Divinos
Descantão os dons.

E tu, Eco, as phrases,
Que escutas,
A's grutas
Ensinas loquazes.
Nas azas então
Os Ventos
Attentos
Suspensos estão.

(a) Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada, &c.
Camões Cant. II. Est. XXXVIII.

Porem ja lança languido surriso
 Phebo sobre os outeiros empinados.
 Augusta sombra a Natureza involve,
 E doce luz a escuridão prateia.
 Eis no theatro da Noite a scena posta,
 E nocturnos Festins tecendo encantos.
 Seus mysterios então Amor celebra.
 Do ethereo pavilhão se extende o panno
 Bordado da mais rica pedraria.
 Do centro pende do suberbo tecto
 Argenteo Lustre, que illumina a scena.
 Eu vos saudo, ó Noite, ó Lua, ó Astros,
 Que da Quadra gentil sois ornamento !
 Nos festejos cõ a Terra o Ceo compete,
 E fulgores disputa a Noite ao Dia.
 Em aureo e vasto circulo os Planetas
 Formão attentos nitido cortejo,
 A' formosa Estaçao reconhecidos.
 Nella o primevo impulso recebêrão,
 Quando do mundo na mimosa infancia,
 As prescriptas carreiras ensaiando,
 Pela abobada azul prompts rodárão.
 Veneranda memoria, anciã, sagrada,
 Que repetem fieis á voz do Eterno !

Fervem mil lumes
 No Ceo sereno,
 Que ao brilho ameno
 Fazem ciumes
 Do verde prado,
 Tambem bordado
 De seus fulgores:
 São estrellas no ceo, no campo flores.

Ventos mais doces sobre as crespas vagas,
 Sobre as verdes searas se derramão,
 As perfumadas azas extendendo.
 Quaes se repartem do Oceano o imperio:
 Quaes se dividem as amenas varzeas.
 Suaves Virações, aquelles cruzão
 Os undosos districtos socegados:
 E ao voto ardente de saudosa Esposa
 Prosperos soprão, borrifando os Deuses,
 E os pintados Heroes da erguida poppa.
 Brincões Favonios, estes se divertem,
 Ora levando ás sequiosas plantas
 A amiga geração nas ferteis azas:
 Ora brincando cõ os anneis dispersos
 Da loura Camponeza, que cantando
 Entre os dedos de neve o fuso volve.

Neptuno brando
 As vagas doma.
 Dos mares toma
 Zephyro o mando,
 Que Euro excessivo,
 E Africo altivo,
 Exercitavão
 Nas sâlgadas campanhas, que guardavão.

Então desperta
 Gyra a ambição.
 Oh como vão
 Por via incerta
 Gravidas quilhas,
 Das Mais e Filhas
 Sempré choradas;
 Das recentes Esposas detestadas!

(13)

Ja a novos portos
A frota aborda :
A industria acorda
Nos Genios mortos :
E ao mutuo bem
Correndo vem ,
Inda singelas ,
Firmes dando-se as mãos as Artes bellas.

Porem quem como Tu, Illustre *Andrada*,
Na malfadada , ingrata Edade nossa ,
Ha que assim possa sempre estudioso ,
E proveitoso dispender da vida
Em melhôr lida o seu melhor thesouro :
Na Lyra de ouro ora altos sons tangendo ,
Ora regendo os Lusitanos choros ,
Donde sonoros alvos Cysnes voão ,
Que o mundo atroão com eterno brado ,
O Tempo , o Fado , ameaçando , e a Inveja ,
Que em vão praguejai vendo a luz Phebea .
Salve , Assemblea de Varões Sapientes ,
Astros luzentes sois da Lusa Sphera :
Va de era em era vossa fama e gloria .
Fiel Historia põe a salvo os que amão ,
E a Patria afamão por trabalhos nobres .
Que não descobres , ó sagaz Talento !
Cada elemento submettendo a normas ,
As artes formas ; e dás leis aos usos .
Em vão reclusos seus thesouros tinha
Com mão mesquinha a Natureza dignava .
Industria cava as preciosas minas :
Cria officinas pertinaz trabalho :
Retinne o malho , range a lima , e ruge
Eólo , e mûge a lavareda ondeando .
De quando em quando geme a selva ; e ás praias

(14)

Baixão as faias das frondosas serras,
E a extranhas terras levão uteis seres.
Pomona e Ceres orna a Mãi Cybele ;
E de Semele guia o filho as danças ,
Prendendo as tranças pampinosa vides.
Sempre assim lides , geração humana !
Riqueza mana das proficias Artes ,
Que mal repartes , caprichosa Sorte.
Porem importe para o bem de tudo
Primeiro o estudo , que nos traz ventura.
Formosa e pura só a dá Sapiencia
A' consciencia , que despiu cuidados ,
Por livres prados extendendo a vida.
Alli guarida foi achar Verdade ,
Quando á Cidade de entre ardis fugindo ,
No seio lindo a recatou Virtude ,
E ao pastor rude a confiou em guarda.
Muito pois tarda para ser ditoso ,
Quem cuidadoso alli não busca abrigo ;
Onde o perigo da ambição salvando ,
E contemplando a universal belleza ,
Que a Natureza tem tão rica ornado ,
Por seu dourado codigo instruido ,
Cante embebido na lição celeste
A mão que veste á Primavera as flores ,
E á Aurora as galas de gentis primores.

No palacio da Riqueza
Não habita a sã Ventura :
So a encontra o que a procura
No seio da Natureza.

Lê pois , *Andrade* ditoso ,
No grande livro do mundo ,
Em quanto o sonno profundo
Cerca o leito do ocioso.

(15)

Nas puras manhans suaves,
Quando o Sabio o campo estuda,
O Rouxinol o sauda,
E ledas cantão-lhe as aves.

Nas longas tardes calmosas
O abriga docel frondoso,
E brincar no leito hervoso
Vê as sombras buliçosas.

Logo enlevado o diviso
Cô os olhos nos horizontes,
Quando o Sol dourando os montes
Lhes dá o ultimo surriso.

Depois no nocturno veo
Em caracteres brilhantes
Lem os seus olhos errantes
As maravilhas do Ceo.

F I M.